

E' indispensavel que entre nós se comece a estudar bem este assumpto, que a construcção assim como a organisação e mobilia de nossas escolas nem seja um objecto de desprezo, nem uma vaidosa ostentação de luxo e elegancia. E' á hygiene, a sciencia capital da sociologia moderna, porque é o melhor thesouro na economia dos povos, que devemos prestar um culto, de todo o momento. E' a esta sciencia que entre os povos realmente civilisados se estuda hoje desde as escolas primarias, e que entre nós, peza dizel-o, é profundamente ignorada até pelas classes mais illustradas, é a esta sciencia que devemos satisfazer em suas exigencias impreteriveis, para o bem estar e para o bom desenvolvimento physico do povo, que é inseparavel de seu progresso moral e intellectual.

---

## MATERIA MEDICA

---

### APONTAMENTOS SOBRE A ARAROBA

Em uma serie de artigos que publicamos no anno passado na *Gazeta Medica* reunimos todos os documentos que pudemos obter ácerca da procedencia, identidade, composição e propriedades therapeuticas da araroba, pó de Goa, e pó da Bahia, e do acido chrysophanico, que constitue quasi os nove decimos da substancia conhecida no Brazil e nas Indias Orientaes com aquellas diversas denominações. (V. *Gazet. Med.* ns. 4 a 12—1877.)

Os nossos leitores que se deram ao trabalho de ler aquelles artigos estarão lembrados de que quasi todos os autores e testemunhos citados eram accordes em considerar o pó de Goa, ou de araroba como proveniente da medulla de uma arvore da familia das Leguminosas, ainda não descripta nem determinada pelos botanicos.

Alguns consideravam o pó de Goa ou araroba (pois verificou-se a sua perfeita identidade) procedente da orzella, ou de uma especie de *lichen*; outros, com excepção unica do Sr. Professor Gubler, reputaram-n'o derivado da medulla de uma grande arvore; esta ultima opinião foi exprimida pelos Srs. Dr. Champeaux, professores Kemp, Atfield e Bomfim, e adoptada por outros escriptores, e por nós mesmo até Dezembro do anno passado, quando tivemos occasião de verificar o contrario, como declaramos em uma nota a pagina 561 da *Gazeta Medica d'aquelle mez*.

Quando em Agosto de 1875 apresentamos ao Sr. professor Gubler uma amostra da nossa araroba, que elle reconheceu identica ao pó de Goa, já elle tinha publicado no *Journal de Pharmacie et de Chimie* o seu artigo sobre este pó, onde declarou que não lhe parecia poder ser considerada esta materia como a medulla de uma arvore, pulverisada ou tornada pulverulenta, uma vez que nenhum elemento de tecido utricular podia ser encontrado pelo microscopio (*Gazeta Medica* de Julho de 1877 p. 325). A mesma opinião nos declarou verbalmente o eminente professor depois de examinar o pó d'araroba que lhe fornecemos. Hoje possui elle a prova material da exactidão d'aquelle seu juizo; ha pouco mais de tres mezes remettemos-lhe uma secção do tronco da arvore de onde se extrae aquelle producto, mostrando depositos de araroba em fendas longitudinaes do lenhoso, e não no canal medullar, como geralmente se suppunha.

Já nós tínhamos verificado este facto, como declaramos na indicada nota, quando se nos offereceu excellente occasião, não só de o confirmar, como tambem de colher ácerca do vegetal que fornece aquelle producto, mais amplos esclarecimentos que sirvam para a sua historia natural. O nosso prestimoso collega o Sr. Dr. Ramiro Affonso Monteiro, distincto professor da nossa Faculdade, tinha de visitar nas ultimas ferias o lugar de sua naturalidade, que fica proximo do districto onde se

explora a araroba, e com a melhor vontade se incumbiu de colher sobre esta arvore e sua exploração todas as informações que nos pudessem interessar. De volta a esta cidade obsequiou-nos com um minucioso relatorio, do qual extrahimos os seguintes esclarecimentos por elle colhidos ou verificados.

Os logares onde mais abúnda n'esta provincia a arvore que fornece a araroba são as matas de Camamú, Igra-piúna, Santarem, Taperoá, e Valença. Habita de preferencia nos logares baixos e humidos, mas tambem vegeta em logares altos que não são muito seccos.

E' uma arvore das mais altas das matas do sul d'esta provincia, rivalisando em estatura com outras que teem o nome vulgar de *Oleo* (*Myrocarpus fastigiatus* (?) e *Myrospermum erythroxilum*, segundo o *Diccion. de Bot. Brasileira* de Almeida Pinto). E' recta, lisa; quando completamente desenvolvida mede um a dous metros de diametro, e vinte a trinta de altura, e não tem outro uso conhecido senão o de fornecer a araroba.

*Araroba* é o nome do producto que se tira d'esta arvore; mas os exploradores e o povo de todos aquelles logares não conhecem este vegetal se não pelo nome de *Angelim amargoso*. O Sr. Dr. Ramiro não pôde saber a razão porque assim denominam esta planta, havendo outra de igual nome, e, ainda que da mesma familia (Leguminosas), muito differente em aspecto: é a *Andira anthelminthica* Benth. muito conhecida pelas propriedades vermifugas de seu fructo.

Julga aquelle collega que o qualificativo de *amargoso* lhe vem do sabor amargo, como o da boa quina, que tem a parte lenhosa d'aquella arvore, sabor que sentem os operarios quando a cortam, e penetram nas camadas centraes da madeira.

Seja por isso, ou por que ha outra especie com o nome de *Angelim doce* (*Andira vermifuga*,) Mart. (Almeida Pinto, na obra citada) é certo que se confundem sob a mesma denominação duas arvores, ou antes duas es-

pecies diferentes. Os angelins são numerosos, pois além dos mencionados, temos ainda o *Angelim côco*. *A. pedra* e *A. rosa*, e nenhum d'elles vem descripto nos autores com o nome de araroba. Martius não designa planta alguma com este vocabulo no seu *Systema Materiae Medicæ Vegetabilis Brasiliensis*; apenas menciona a *Arariba* de Marcgrave, que Mérat e Delens, no seu *Diccionario de materia medica* confundem com Araroba, definindo aquelle vocabulo: « pó grosseiro de uma arvore do Brazil que serve para tinturaria, e que tambem se emprega nas molestias de pelle ». E accrescentam:

« M. Schweinsberg que chama a este pó *araroba*, diz que elle deve ser nocivo aos olhos ».

Parece haver aqui confusão de termos por troca de uma lettra, e designar-se, em vez de uma arvore, unicamente o pó que serve á industria e á therapeutica.

Mas o que indica uma differença considerável entre aquelles vocabulos é que Almeida Pinto na palavra *Arariba* manda ver *Ruivinha* (*Rubia noxia*, St. Hil.) da familia das Rubiaceas, e chama-lhe *arbustinho*, ao passo que no termo *Araroba* designa unicamente a familia (Leguminosas) e diz que o pó d'esta planta serve na tinturaria e no tratamento de molestias de pelle. Aquellas palavras devem, portanto, designar vegetaes muito differentes, questão que compete aos botanicos averiguar.

Voltando á designação de *Angelim amargoso*, que segundo o Dr. Ramiro é dada pelos exploradores ao vegetal que produz a araroba, somos informados de que em Valença elle é conhecido tambem pelo nome de *Angelim amarello* e *Angelim araroba*; esta ultima denominação parece-nos a mais apropriada para evitar aquella confusão de angelins, e por ficar o vegetal determinado pelo seu mais notavel producto, a araroba.

A exploração é feita em qualquer epoca do anno, e são preferidas as arvores mais velhas por conterem a araroba em maior quantidade. Esta substancia encontra-se

em lacunas ou grandes fendas longitudinaes que cortam o lenhoso em direcção mais ou menos diametral, e percorrem o tronco desde a cêpa até á parte superior, onde vão diminuindo de largura e de extensão. Encontram-se algumas vezes outras fendas menores e parallelas áquellas.

Os exploradores costumam extrahir a araroba derribando a arvore, cortando o tronco em troços, e rachando-os longitudinalmente, o que é facil á vista da disposição das fibras do lenhoso e da existencia das mesmas fendas, em cujas paredes se encontra adherente uma camada mais ou menos espessa de araroba. Esta é de côr amarella, assimilhando-se á do enxofre em pó, um pouco mais carregada e sem brilho. Exposta ao ar vae pouco a pouco perdendo a bella cor amarella, e passando por gradações diversas, de modo que umas vezes se parece com o rhuibarbo, depois com o aloes e a final toma uma côr escura arroxada. Encontra-se em forma de pó acamado nas faces das lacunas; e os exploradores tiram-n'a raspando-as com o corte do machado, de modo que a araroba do commercio é muito impura, por vir quasi sempre misturada com grande quantidade de particulas de madeira, a qual pela sua diminuta consistencia se deixa raspar com a araroba.

O Sr. Dr. Ramiro offereceu-nos uma porção d'araroba extrahida por suas proprias mãos, servindo-se do mesmo processo, mas tendo o cuidado de não tirar com ella particulas de madeira. Foi esta a amostra que remettemos ao Sr. Professor Gubler, com uma secção de tronco da mesma arvore de onde a extrahiu o nosso collega.

Os trabalhadores que se occupam em extrahir a araroba soffrem de uma irritação da conjunctiva que vae ás vezes até á inflammação aguda, e ficam com a face erythematosas por algum tempo depois; mas para que isto succeda é mister que o trabalho dure por algumas horas, ou mesmo por mais de um dia.

O Sr. Dr. Ramiro tinha particular empenho em verifi-

car se a araroba existia no canal medullar, e ficou convencido de que é nas fendas acima referidas que ella se encontra, e nas quaes unicamente a procuram os exploradores.

Indagando das pessoas do logar a respeito do uso que fazem da araroba, soube o Dr. Ramiro que ella ha longos annos serve de remedio contra impigens, e que algumas pessoas a lançam nos tanques e rios para matar peixe; procurando informar-se tambem da epoca da inflorescencia, e do aspecto e forma da flor e do fructo, não pôde saber ao certo em que tempo a arvore floresce, mas disseram-lhe que a flor é pequena e rôxa, e o fructo uma vagem.

A arvore propaga-se espontaneamente, e não é objecto de cultura alguma nos logares onde se extrae a araroba.

Depois de escripta a precedente nota fomos obsequiados com uma abundante provisão de flores seccas e outras conservadas em alcool, as quaes foram colhidas em fins de Junho. Traziam nos rotulos—Flores d'*Araroba*; vieram de Ilheus, onde a arvore que as produz é conhecida tambem com aquelle nome.

---

Estava já composta esta nota quando fomos igualmente obsequiados com uma interessante communicação sobre a historia natural da Araroba. E' seu autor um dos mais estudiosos alumnos da nossa Faculdade, o qual tem feito, e ainda continúa a fazer um estudo especial sobre a Araroba e suas applicações therapeuticas. O melhor remate que podemos dar a estes apontamentos é a immediata publicação do escripto do Sr. J. Macedo de Aguiar, que nos offerece uma descripção minuciosa d'aquelle curioso vegetal brasileiro.